

Primeiro colégio do DF será reinaugurado hoje

JOÃO CAMPOS

DA EQUIPE DO CORREIO

As imagens em preto e branco tremem na tela da televisão. São de 1957. O conteúdo da fita VHS guarda com esmero no arquivo da Administração da Candangolândia revela um momento histórico do nascimento de Brasília. Em um descampado perto dos acampamentos dos candangos — grupo de operários que trabalharam na construção da nova capital — ocorria, então, a inauguração da primeira escola do Distrito Federal: o Grupo Escolar nº 1. O projeto é de Oscar Niemeyer. Como a demanda por educação crescia junto com a população que chegava à terra prometida, a obra ficou pronta em apenas 21 dias. Na antiga reportagem a qual o *Correio* teve acesso, a voz pomposa do narrador explica que aquela escola simples e de linhas modernas abrigaria os alunos provisoriamente e que, brevemente, daria lugar a um imponente colégio. Não foi o que ocorreu.

Em 1960, o lugar passou a se chamar Escola Classe Júlia Kubitschek, homenagem à professora e mãe do então presidente Juscelino. Mas a promessa de trocar a construção de madeira por uma maior de concreto não saiu do papel. O tempo e o vandalismo se encarregaram de desgastar a estrutura, que recebeu alunos até 1986, quando teve de ser fechado por falta de manutenção. Chovia na cabeça dos alunos e as paredes ameaçavam desabar. Três anos depois, o governo de Joaquim Roriz se encarregou de botar o pedaço de história da cidade no chão. No lugar, fizeram um campo de futebol. Hoje, 52 anos depois de o narrador da reportagem anunciar

Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press



EX-ALUNA, IRISNEIDE (E) VIROU DIRETORA. ELENICE NÃO ESQUECE OS LANCHES DA ÉPOCA. MATHEUS ELOGIOU A NOVA SEDE

a substituição da obra, a Escola Classe Júlia Kubitschek, reconstruída no mesmo lugar, volta a receber alunos no primeiro dia do ano letivo da rede pública.

Os tempos são outros. A escola, também. Se antes o lugar tinha capacidade para 300 estudantes na área aproximada de 600 metros quadrados, hoje abre a porta para 2,5 mil em um lugar cinco vezes maior. A estrutura de madeira e argamassa que sustentava as seis salas e os brinquedos do parquinho se transformaram em um prédio de concreto com 18 salas e uma quadra poliesportiva.

A professora Irisneide da Frota, 58 anos, conhece bem a história do colégio. Em 1958, quando chegou a Brasília com os pais candangos, ela se matriculou pa-

ra ter as primeiras lições. Hoje, a mulher é a diretora da escola, que fica na QRO A. “Daqui guardo as melhores lembranças. Espero resgatar o espírito de aprendizagem daquela época”, disse.

A dona de casa Elenice de Alencar, 53, estudou da 1ª à 5ª série no antigo Júlia Kubitschek. Ela tem orgulho de ter sido aluna da escola pioneira. Ainda hoje, mais de meio século depois, é capaz de desenhá-lo em um esboço da escola. “Tinha a cozinha e os banheiros embaixo. Pela escada ou uma rampa de madeira a gente chegava nas salas”, lembrou. Segundo ela, o lanche servido nos dois turnos dava água na boca e, apesar da simplicidade, o ensino oferecido para aqueles meninos e meninas de camisa branca engomada e shorts azul-

marinhos era de qualidade. O adolescente Matheus Vasconcelos, 12, ouviu falar, mas não sabe muito da história da antiga escola. Ele é um dos matriculados no novo centro de ensino. “Ficou lindo.”

Réplica

No projeto da Júlia Kubitschek está previsto uma área para a construção de uma réplica da original, ao lado da quadra de esportes. Segundo o administrador da cidade, João Hermeto, a verba está assegurada e as obras começam imediatamente. “Vamos usar o prédio como biblioteca ou museu da história da Candangolândia”, previu. O desafio, segundo ele, será evitar a depredação do patrimônio, como ocorreu na escola projetada por Niemeyer na década de 1950.